



## Crônica da Cidade

por **Conceição Freitas** >> conceicofreitas@abr.com.br

>> (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

### A escritura dos incansáveis

Trezentos dos 40 mil moradores da Cidade Estrutural receberam, nesse fim de semana, a escritura de seus imóveis. Foi um gesto simbólico que fechou um círculo de quase 50 anos, desde que o governo local escolheu uma região de mananciais para despejar o lixo da nova capital. Esse erro, somado a sucessivos outros, levou à mais simbólica, duradoura, sofrida e resistente ocupação de terras do Distrito Federal.

Dos primeiros catadores de lixo ao surgimento da invasão, passaram-se duas décadas. Mas foi nos anos 1990 que a Estrutural começou a fixar, sobre a montanha de lixo, a teimosia de centenas — e depois, milhares — de sem-terra que reivindicavam o direito de morar na capital da República e a menos de 15km do Palácio do Planalto. Por que não?

Por certo, não haveria Estrutural não houvesse o interesse político-partidário oportunista dos que apoiaram o surgimento, a ampliação e a fixação dos invasores. Deu-se, então, a mais desastrosa das ações do governo Cristovam: o de tentar arrancar, à força, os moradores. Dois deles foram mortos por policiais militares. Os partidários do arquinimigo

de Cristovam, Joaquim Roriz, apoiavam os ocupantes da terra.

Triste ironia a da política: baseado na defesa do direito à propriedade e na defesa do meio ambiente, o governo petista quis fazer terra arrasada da Estrutural. Derrubou barracos, atacou moradores e chegou a impedir, durante 24 horas, a entrada de comida e água na área ocupada. A Estrutural passou a ser o território onde se daria a última batalha na guerra dos vermelhos contra os azuis.

Vinte e cinco anos depois da tragédia e da desastrosa ação repressora do governo petista, a Estrutural recebe a escritura da mesma estrela vermelha. Não foi uma vitória nem dos partidários de Roriz nem dos petistas. Foi a

teimosia dos moradores que, com ou sem ajuda partidária, seguiu ocupando a superfície do lixo. Era ali o lugar deles, foi ali que eles decidiram ficar — sejam legítimos ou não os argumentos de que o lugar é insalubre para a moradia e prejudicial ao meio ambiente.

Parece haver uma escolha afetiva, mais forte ainda, uma escolha corpórea em certas ocupações de terra. Há um lugar que os recebe e, quaisquer que sejam os obstáculos, será este e não qualquer outro o território onde se pretende assentar a vida. Por certo, a localização da Estrutural era uma vantagem irrecusável: à margem da rodovia de mesmo nome, fica perto do Guará, de Taguatinga, de Ceilândia, da

Epia, do Plano Piloto e, portanto, do trabalho, dos serviços públicos.

Quase metade da população da Estrutural, 44%, tem bicicleta. É o principal meio de transporte da cidade. Longe dos olhos dos governantes e das inexistências políticas de mobilidade urbana, a Estrutural se resolve do modo mais urbana e ecologicamente correto. Não por escolha, mas por necessidade. De todas as cidades nascidas de movimentos de ocupação de terra (poucas não o foram neste DF), a Estrutural foi a que mais sofreu e sofre com a negligência dos governos. Embora, ressalte-se, ela tenha recebido a presença do Estado nos últimos anos. Mas ainda é muito pouco para se escrever na história.

**MEMÓRIA /** Exposição no Museu Nacional dos Correios resgata imagens e relatos de moradoras na época da construção da capital. O cenário, com vestuário, utensílios e mobiliário, vai transportar o espectador para as décadas de 1950 e 1960

# As primeiras candangas

» AMANDA MAIA

Algumas participaram do elegante baile de inauguração da capital, no Palácio do Planalto, em 21 de abril de 1960. Outras tiveram de se contentar com a poeira dos acampamentos e o improviso das casas de madeira. Das ricas esposas de importantes políticos às simples companheiras dos candangos anônimos, as primeiras mulheres a pisarem no Planalto Central tiveram um papel importante — e quase esquecido — na construção de Brasília.

Para resgatar a saga dessas personagens, protagonistas silenciosas de um importante período histórico do país, a economista Tânia Fontenele organizou a exposição *Memórias femininas da construção de Brasília*, que será aberta amanhã, no Museu Nacional dos Correios. O acervo inédito é composto de documentos históricos, cartas, objetos pessoais e imagens raras das primeiras edificações da cidade e das experiências vividas por mulheres adultas e crianças. Ao entrar na sala de exibição, o público voltará no tempo com o cenário de canteiro de obras e de barracos de madeira, que reproduzirão o modo de vida dos candangos.

Algumas peças originais da década de 1960, como utensílios, mobiliários e vestuários, tornam a cenografia ainda mais próxima da realidade. Destacam-se uma penteadeira, uma panela marmiteira, dois vestidos de Lia Sayão (filha do engenheiro Bernardo Sayão), um maquiagem, uma mesa de telefonista e uma radiola. Todos emprestados de acervos pessoais.

Recortes de jornais e revistas, propagandas, reportagens e estudos sobre a figura feminina tratarão de hábitos, interesses e costumes do grupo, até então minoria. As fotos, resgatadas com pioneiras, no Arquivo Público do DF e no Museu Vivo da Memória Candanga, serão projetadas na parede. Haverá ainda três encontros, chamados Chá de Memórias, em que algumas mulheres contarão histórias do período. A mesa-redonda ocorrerá às 17h e contará com a participação de 10 convidadas. O primeiro está marcado para 25 de abril.

### Cidade moderna

A curadora, Tânia Fontenele, explica que o projeto da exposição

começou em 2010, logo após a conclusão do filme *Poeira & batom no Planalto Central — 50 mulheres na construção de Brasília*. O vídeo, produzido por ela, tem 58 minutos e traz entrevistas com 45 candangas. "Tenho orgulho de ter nascido aqui, peguei a fase idealista de Brasília. Meu pai chegou em 1958, do Nordeste, e logo trouxe minha mãe. Eles eram dois jovens, cheios de ideais, que vieram com a cara e a coragem. Como eles, tinham outros. Pessoas simples, despojadas, mas cheias de esperança e dispostas a lutar", descreve.

Em 2010, as comemorações dos 50 anos de Brasília se aproximavam e a economista deu-se conta de que os homens — como Oscar Niemeyer, Lucio Costa, Darcy Ribeiro e Athos Bulcão — estavam sempre no centro das discussões. Eles mereciam espaço, mas e as mulheres que chegaram em ônibus e caminhões lotados, carros e até em carroças? As figuras femininas citadas eram apenas Sarah e Julia Kubitschek, mulher e mãe do

presidente Juscelino Kubitschek, respectivamente, ou as prostitutas.

Foi quando a especialista começou a pesquisar quem eram as personagens relegadas ao esquecimento. Tânia buscou histórias e começou pela própria memória. Ela recorda-se com detalhes da infância na capital. Era uma cidade considerada "supermoderna", que priorizava a educação integral e possibilitava considerável liberdade. "Eu estudava na Escola Parque, tinha aulas de música, noções empresariais, artes industriais e agrárias. Ao mesmo tempo que havia um filho de ministro na sala, havia o filho de um trabalhador. O nível de solidariedade era maior, porque todos sofriam com a caridade. E nós andávamos tranquilamente pela rua e de ônibus sozinho", ressalta.

O livro, o filme e duas exposições não foram o bastante para Tânia. Ela ainda está convicta de que há mais histórias interessantes por aí. "Desde que comecei meu trabalho, seis mulheres que entrevistei morreram. Imagina se eu não tivesse registrado o depoimento delas? Estávamos perdendo uma memória oral muito importante. E tem senhas que me procuram até hoje querendo ser entrevistadas", acrescenta. Há um resgate a se fazer e Tânia pretende seguir com o trabalho. As candangas agradecem.

Arquivo Público do DF



Foto de telefonista nos tempos da construção da capital federal: peças originais da década de 1960 serão expostas na mostra, que será aberta amanhã

Arquivo Público do DF



Mulheres observam a passagem de um ônibus: imagens raras recuperadas

Arquivo Público do DF



Professora dá aula em meio ao cerrado, que ocupava todo o DF à época

Arquivo Público do DF



Cozinha no canteiro de obras: cena reproduzida durante a exposição

### » Perfil

## Brasiliense nata

Roberto Suckert Filho/PR - 23/3/11



Nascida e criada em Brasília, Tânia Fontenele (foto, com a presidente Dilma Rousseff), 51 anos, formou-se em economia e optou, na pós-graduação, por administração e psicologia social e do trabalho. A trajetória, marcada por questões de gênero e diversidade, levou-a à Argentina, onde estudou políticas públicas e de gênero, e a Londres, para pesquisas sobre poder e lideranças de mulheres. Tânia é autora do livro *Mulheres no to-*

po de carreira — Flexibilidade e resistência e da publicação *Trabalho de mulher: mitos, ritos e transformações. A pesquisadora também dirigiu os documentários A corrida das 5.300 mulheres em Brasília (1985) e Poeira & batom no Planalto Central — 50 mulheres na construção de Brasília (2010). Atualmente, ela coordena o Instituto de Pesquisa Aplicada da UnB, presta consultorias, ministra cursos e desenvolve pesquisas.*

### » Programe-se

Exposição *Memórias femininas da construção de Brasília*. De 10 de abril a 30 de junho, no Museu Nacional dos Correios (SCS, Quadra 4, Bloco A). Organização e curadoria de Tânia Fontenele. Visitação: de terça a sexta-feira, das 10 às 19h; e sábados, domingos e feriados, das 12h às 18h. Entrada franca. Informações: 3426-1000.